

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por entre melindrosas e almofadinhas: Novos gêneros e sexualidades na Belle Époque paulistana do início do século XX

A formação da cidade de São Paulo como uma metrópole desde as últimas décadas do século XIX acompanhou um processo de desenvolvimento acelerado trazendo mudanças para o cotidiano urbano. A partir de um imaginário nacional estrangeiro, a pauliceia desvairada progressivamente ganhou em seus cenários cabarés, cafés de elite, bares da boêmia, cinemas e espaços de prostituição que encarnavam os desejados corpos modernos europeus, expressões de uma cidade que sonhava ser cosmopolita, nas palavras de Mario de Andrade, uma paulicéia com temperamento “hermaphrodita”. É nessa cidade que acompanhamos a emergência de novas expressões de gênero e vivências sexuais dentro desses espaços de sociabilidade, ao mesmo tempo em que se constroem nas pesquisas da medicina legal os “corpos homossexuais” como já abordado na historiografia. Esse trabalho tem como escopo contribuir com a historiografia sobre a formação dos corpos “homossexuais” nas primeiras décadas do século XX, em sua circulação entre novas sexualidades e gêneros que emergiram no processo de modernização da cidade de São Paulo. Por meio de bibliografia sobre a história da cidade e fontes como periódicos semanais e obras médicas disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional, na rede de bibliotecas da USP e no Acervo Bajubá, buscamos vestígios da memória de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade na formação cosmopolita da cidade de São Paulo e as contradições de seu processo de urbanização, de modo a compreender as mudanças das relações sexuais e de gênero ocorridas na Belle Époque paulistana. A partir das figuras da melindrosa e da prostituta profissional, além de seus espaços de sociabilidade, buscamos identidades e identificações relacionadas a pessoas dissidentes sexuais e de gênero. Dentre uma diversidade de identificações localizadas como “almofadinhas”, “maricas”, “ursus”, “snobs”, “dandys”, “transformistas”, “travestis”, “imitadores do bello sexo”, “terceiristas”, “homens-mulheres” e “mulheres-homens”, optamos para o presente trabalho abordar de forma mais aprofundada as identidades “melindrosa” e “almofadinha”, tecendo paralelos com aquelas que dialogam com essas. Argumentamos que essas identidades construídas com base numa mescla entre referenciais estrangeiros e locais produziram modelos que hibridizavam as expressões de gênero, criando novos modelos associados a um modernismo que possibilitava vivências mais flexíveis do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

gênero e da sexualidade. Essas identidades chegam a se vincular com a identidade homossexual, como vemos na divulgação do filme de Magnus Hirschfeld na década de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1930. Ao mesmo tempo, esses dispositivos também apareciam na mídia a partir de posições conservadoras como forma de combate ao movimento de liberação dos costumes.

Palavras-chave: São Paulo; Homossexualidade; Belle Époque;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A METRÓPOLE PAULISTANA: Memórias de uma Paulicéia Desvairada.

*Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.*

*Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
(...)*

Mario de Andrade, Poemas da Amiga

Em 1872, quando realizado o primeiro censo nacional, São Paulo tinha 31.385 habitantes. Nesse período, a cidade ainda não tinha grande expressão, com ruas de terra batida, charcos, raras pessoas nas ruas. A entrada no período republicano brasileiro iniciou um processo do crescimento exponencial urbano paulistano. No segundo censo nacional de 1890, a população dobrou para 64.934; em 1893 conforme o governo do estado 130.775; e no terceiro censo nacional, em 1900, 239.820, tornando-se a segunda maior cidade brasileira, apenas atrás da então capital, o Rio de Janeiro (TOLEDO 2015). É na primeira metade do século XX que a cidade vive seu projeto moderno de tornar-se uma grande metrópole, obtendo em 1954, ao completar quatrocentos anos, o status de ser a maior cidade do país.

O ritmo de crescimento paulistano das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX foi impulsionado expressivamente pela riqueza da produção cafeeira e pelo grande fluxo de imigrantes. Embora a cultura de exportação do café tenha começado no Rio de Janeiro nos princípios do século XIX (PEREIRA & PIRES, 2008), devido as condições ecológicas ideais, as terras paulistas passaram a hegemonizar a produção inicialmente no Vale do Paraíba e, por volta de 1870, nos vastos sertões do oeste paulista. Essas condições do mercado internacional remodelaram o papel de São Paulo em novos termos (SEVCENKO, 2014).

Até o final do século XIX, o coração de São Paulo estava na região de uma colina contornada pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú, formando uma cartografia que pulsava entre os largos da Sé, do Palácio (futuro pátio do Colégio), São Bento e o de São Gonçalo (futura praça João Mendes) (TOLEDO, 2015). É importante destacar o bairro da Luz como um dos pontos para os fluxos entre o Centro e demais regiões de São Paulo e de outras cidades, especialmente devida à presença do trem¹.

¹

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

¹ Embora o Jardim da Luz tenha sido inaugurado em 1825, então como Jardim Botânico, é só em 1901, com a instalação de uma estação do trem São Paulo Railway (TOLEDO, 2015), que o bairro da Luz passou a conectar o centro com outras cidades como Santos e Jundiaí, além de outros bairros como o Brás. Essa é

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As últimas décadas do século XIX marcam a ocupação de novos espaços da cidade, formando bairros como a Santa Efigênia, Campos Elísios, novas praças como a República, além da urbanização de novas ruas e avenidas que passaram a conectar regiões então mais afastadas, como a Consolação que alcançou a Avenida Paulista, ou como outras chácaras que deram origens a bairros como a Santa Cecília e o Bom Retiro. Uma das mais expressivas obras que demarcou na virada do século, a passagem para uma São Paulo modernista, é Viaduto do Chá. Aberto em 1892, ele migrou o antigo centro paulistano para um novo. Essa região chamada então de largo “da Esplanada” já contava com o teatro São José, inaugurado em 1864 e arrendado na década de 1880, pelo então prefeito. Ao outro lado do Vale do Anhangabaú, duas décadas depois, em 1911 foi inaugurado o Theatro Municipal². Em conjunto a reforma do Vale do Anhangabaú finalizada em 1918, esses projetos, além de encarnarem o sonho moderno paulistano, trazendo inspirações diretas da arquitetura e paisagismo europeus, deslocaram o centro pulsante de São Paulo para essa nova região. Os investimentos recorrentes na região que ia do viaduto do Chá até à Praça da República foram imensos, em especial motivados pela impossibilidade de o centro expandir para o leste, uma vez que a região se tornara região fabril e bairro de famílias operárias. O centro da cidade, assim passou ao longo do século XX, progressivamente se direcionando ao sudoeste, sucessivamente subindo a Consolação e atravessando a Avenida Paulista (TOLEDO, 2015).

Esse novo centro é expressão do espírito desse momento, do desejo de transformação da cidade em uma metrópole mundial. Em poucas décadas, passou a ganhar uma circulação cada vez maior de pessoas, tanto em números, em diversidade de origens, gêneros e raças e em velocidade³. Na circulação dessas massas é marcante a polifonia arquitetônica e urbanística, com grandes obras de edifícios, praças, avenidas ora

uma região apontada em estudos já da década de 1930 com frequência de homossexuais, em especial no jardim da Luz e no mictório da estação (WHITAKER et All, 1938).

² Conforme estudos históricos LGBT, os teatros no Brasil republicano eram espaços onde a moralidade seguia outra norma, tornando suas coxias e espaços próximos lugares onde as práticas homoeróticas eram comuns (TREVISAN, 2000; RAGO 2008).

³ Estudos promovidos na década de 1930 com biografias de homossexuais apontam essa região como importante para a socialização de pessoas com sexualidades e gêneros fora do padrão moral da época. Dentre os lugares que habitualmente frequentavam estão o Parque Anhangabaú, o Jardim da Luz, a Praça da República, a Estação da Luz, especificamente o mictório, os trechos da rua Conselheiro Nébias e quase todas as casas de tolerância. (WHITAKER, 1938). Green (2000) aponta que esse deslocamento da cidade, com fluxo de pessoas tão diversas que vinham de fora, possibilitou novos encontros e novas complexidades dos roteiros sexuais da cidade. Em relação à habitação, o estudo do Médico Sinisgalli (1938) indica que a maioria dos pederastas de São Paulo vivia no centro da cidade, como forma de se agremiarem e inclusive

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se defenderem da polícia. Dentre as ruas com números prédios com apartamentos de homossexuais estavam as ruas Aurora, Vitória, Gusmões e Santa Efigênia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

com inspirações, ora mimetismos de obras ou soluções urbanísticas de países europeus ou dos Estados Unidos, numa cidade que se construí num hibridismo entre o exótico e o íntimo, entre o convencional e o inusitado, entre o impostado e o imprevisto (SEVCENKO, 2014). Esse atravessamento das culturas estrangeiras no cotidiano da cidade estava presente nas múltiplas formas de viver a cidade, seja em rituais de cafés ou teatros de inspiração francesa ou na intensa frequência nos cinemas com filmes estadunidenses. A prosperidade da indústria cinematográfica norte americana, em especial no período pós-guerra, tornou-se uma das mais proeminentes formas de lazer da cidade, chegando em 1920, a circular no mercado sul-americano mais de 70 milhões de metros de filmes, um terço do total de sua produção (SEVCENKO, 2014).

Num cenário internacional, a circulação cada vez maior desses produtos pertence a um processo de rearranjo interno das potências econômicas transformando o mercado capitalista em global, porém intensificando práticas de protecionismo e imperialismo. Esse período, dos fins do século XIX até 1929-33, foi nomeado pelo historiador Eric Hobsbawn (2016) como a Era dos Impérios. Foi esse movimento de intensificação das desigualdades de troca entre as nações “desenvolvidas” e aquelas com estruturas produtivas tradicionais ou arcaicas que possibilitou a fundação e prosperidade, de 1900 a 1914, das instituições sociais compatíveis com a democracia-liberal de massas nas economias centrais. É importante também destacar a marca do legado da Guerra Franco-Prussiana encerrada em 1870: a vinculação do poder do Estado com a indústria da guerra. Mudanças na organização do Estado e do mercado são perceptíveis, como alistamento obrigatório, reconversão do aparato produtivo para a guerra e infraestrutura nacional para circulação desse mercado. Na sua expressão psicossocial, essa preparação continua para guerra formou um nacionalismo exaltado, difundido em especial pelos novos órgãos de educação pública leiga e movimentos de juventude de toda ordem (HOBSBAWN, 2016; SEVCENKO, 2014).

O eco desse período para São Paulo, legados da riqueza cafeeira, foi a criação de uma metrópole artificial, repentina e sem raízes, lançando o imaginário da cidade num vazio. Por um lado, havia traços de metrópoles europeias que mobilizavam uma vontade de ser, por outro, condições locais que eram sentidas mais como embaraço. Conforme Sevcenko (2014), essa inconsistência garantia um duplo efeito desejado, parte por uma identidade própria, parte por uma afiliação com uma diversidade de moldes

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

internacionais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bresciani (1985) aponta a importância da arquitetura e do urbanismo, seguindo a estética do sublime. Essas obras expressam marcos do poder e domínio do projeto burguês de sociedade, demarcando a construção de um sentimento de autoconfiança e segurança nesse novo Estado. As edificações e avenidas com suas dimensões extraordinárias, projetos extremamente caros destinados a acolherem multidões, expressavam a riqueza e o poder das cidades. A estética do sublime se relaciona com o maravilhamento do luxo, do dinheiro, da tecnologia. A solidariedade que se constrói aqui, entre os orgulhosos habitantes das cidades modernas, mobiliza uma adesão ou submissão de um projeto coletivo de cidade. A estética das artes arquitetônicas gera fascínio, espanto, temor e devoção e cativam as pessoas para participarem do espetáculo das compras e dos cultos religiosos, reconhecendo o poder de Deus e do Homem. Alguns dos projetos mais marcantes desse período foram a construção do Theatro Municipal, como apresentado antes, e do edifício Martinelli⁴, projetado pelo italiano Giuseppe Martinelli e construído de 1922 a 1929. Essa obra é tida como o primeiro grande arranha céu da América Latina (FIALHO, 2007), e expressa essa estética da poderosa cidade moderna.



Figura 1 - Theatro Municipal de S. Paulo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

⁴ Conforme Simões (1990), em outubro de 1929, um dos marcos mais significativos para o cinema paulistano ocorre no Martinelli, inaugura-se o cine Rosário, o então mais luxuoso cinema do Brasil.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 2 - Edifício Martinelli na década de 1920

Glezer (2000) explicita o poder e hegemonia desse projeto de São Paulo cosmopolita. Conforme a historiadora, mitos fundadores da modernidade paulistana como a semana de arte moderna de 1922, impossibilitaram o surgimento de literaturas como a regional ou de autores anticosmopolitas que preservassem algum espírito preservacionista das autênticas tradições. Contando com uma conjuntura de imigrantes europeus com outros referenciais tradicionais, uma imagem de São Paulo caipira não cabia dentro do imaginário de metrópole moderna que as elites cafeeiras queriam enfatizar.

Silviano Santiago (2004) destaca que, para os modernistas brasileiros da década de 1920, a afirmação da superioridade da Europa reconhecida e mimetizada pelos intelectuais brasileiros, os levava a encarar a cultura brasileira em dois polos: ora a corrente nativista, evocando uma pureza e alma indomável; ora a corrente cosmopolita, recalçando o que era produto do processo sócio histórico de aclimação da Europa nos trópicos. O ponto de apoio adotado entre os dois polos, ou a passagem entre a Europa e as culturas não europeias pelo movimento modernista foi o primitivismo, ou uma forma de cosmopolitismo que abarca um perspectivismo e o reconhecimento de uma pluralidade de civilizações.

Sergio Miceli (2003) em sua pesquisa que traz as complexas relações entre os artistas modernos de São Paulo e seus mecenas propõe um conceito inovador para compreender o imaginário cosmopolita paulistano: o nacional estrangeiro. A formação da conjuntura que permitiu a emergência de uma vanguarda artística brasileira reconhecida internacionalmente trazia em seus agentes uma multiplicidade de composições. Por um lado, havia mecenas e colecionadores, quase todos políticos, profissionais liberais

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

renomados e empresários oriundo de famílias ricas, barões do café ou mesmo membros

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de linhagens quatrocentonas ligadas ao Império e que tinham trânsito internacional constante. Essa elite era conservadora inclusive na apreciação estética.

Por outro lado, os meios institucionais criados por eles beneficiaram jovens que importavam alguns elementos de vanguarda. A negociação de artistas e mecenas, inclusive na estética era constante. Esses jovens artistas, por sua vez, eram ambivalentes e contraditórios, conviviam com os mecenas e seus hábitos oligárquicos, gostos barrocos, privilégios, vínculos mercantis, políticos, de herança, amizade, inimizade e subordinação. Outro agente de especial importância para o modernismo paulistano foram os imigrantes. Sua posição de estrangeiros permite a construção de um olhar diferente sobre o tipicamente brasileiro, e levavam ao limite essa expressão num esforço de compreender a fatalidade do desligamento de suas raízes em um ambiente nacional estrangeiro, com problemas sociais, étnico-raciais e políticos específicos. Essas condições mistas compõem o que Miceli (2003) propõe como base do projeto modernista cosmopolita, objetos, geografias e mentalidades nacional-estrangeiros que expressam o hibridismo que não cabe em classificações tradicionais. Aquilo que consideramos a essência do nacional é fruto de uma circulação incessante e desigual entre pessoas, ideias, estilos, pensamentos, sensibilidades e vanguardas internacionais. A base do cosmopolitismo paulistano seria o esfumaçamento da divisão entre o nacional e o estrangeiro.

Essa posição adotada pelos modernistas da década de 1920, conforme vimos em Miceli (2003), ecoava o movimento de mudança epistemológica iniciado desde meados do século XIX. Esse movimento era marcado por esforços de demonstração das teorias evolucionistas que originaram métodos e estilos de pesquisas históricos, etnológicos e antropológicos. Mais especificamente, essas teorias ganharam espaços institucionais em museus, a partir de 1870, estabelecendo relações de celebração das ciências aplicadas, grandes indústrias e do imperialismo. Ao mesmo tempo em que foram criadas as Exposições Universais, também ficaram estabelecidos pavilhões para culturas nativas não-europeias, então nomeadas “primitivas” (SEVCENKO, 2014). A posição de continuo trânsito entre culturas incorporou em si uma dupla natureza exótica. Ela encarnou a vivência de uma dimensão que seria inacessível ao outro.

Aqui se estabelece o mergulho em universos irreduzíveis demarcando oposição ao universalismo. Esse movimento impactou outros campos do saber como: as ciências naturais produzindo novas teorias como a mecânica quântica, física atômica e na

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elaboração da teoria da relatividade; os fundamentos básicos da linguagem com a linguística e a semiologia; a neurologia e psicologia com psicanálise e com a etologia; a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

filosofia com o perspectivismo via sua concepção como disciplina experimental. De forma geral, as constantes dessa revolução na imaginação cultural e científica desse momento estavam na ênfase relativista, onde a realidade seria apreendida como uma complexidade densamente entreamada, onde cada entidade considerada só poderia ser compreendida em seus inextrincáveis nexos com todas as outras. Assim, nesse imaginário não existiria nada estável, isolado, permanente ou absoluto (SEVCENKO, 2014).

Porém esse imaginário entraria em choque com os impactos da guerra, emergindo um profundo sentimento de suspeita e ojeriza por tudo que evocasse ciência analítica fria, corrosão de certezas e abolição dos absolutos. Os sentimentos do pós-guerra demandavam por formulações mais militantes de crenças, especialmente nas ciências naturais, ansiando por uma “nova objetividade”. Redefinições passam a progressivamente tomar mais espaço nesse cenário pós-guerra como as críticas e releituras de Ernest Mach na física; vinculações da genética com a eugenia, resvalando no nacionalismo; conexões do inconsciente freudiano com uma nova “pureza primitiva” (SEVCENKO, 2014).

Silviano Santiago (2004) aponta que tanto o impacto da guerra como da crise econômica de 1929, ecoaram no Brasil com a formação de um cosmopolitismo diferente. Esse cosmopolitismo característico da década de 1930, deslocando a noção de ingenuidade universal do primitivo para revitalizar uma noção universal de subdesenvolvimento, trouxe novamente a necessidade de certezas coletivas sobre o presente e o futuro. Sevcenko sintetiza o sentimento de viver esse processo de urbanização acelerada:

De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem industrial (...); não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente (...) era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados. (...) Vivendo num mundo onde as coisas não têm definição – ou porque são inéditas, ou porque se apresentam quer em escala desproporcional quer num ritmo inalcançável, ou porque são desconformes com o meio, ou ainda porque estão descontextualizadas – os personagens desse mundo em ebulição carecem, com urgência, de um eixo de solidez que lhes dê base energias e um repertório capaz de impor sentidos a um meio intoleravelmente inconsistente. (SEVCENKO, 2014, p.31)

Bresciani (1985) elabora sobre essa nova sensibilidade que emerge das percepções contraditórias das cidades modernas. Essa sensibilidade se constrói num sentimento de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

viver dimensões desconhecidas e assustadoras do novo, onde há sentimentos ambivalentes: ao mesmo tempo em que o ser humano se afasta da natureza perdendo o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sentimento conservador de segurança, tradicionalidade e família, ele ocupa a posição de dominador, desbravador e conquistador dessa natureza, aderindo ao espírito moderno e progressista que o fascina. Porém, esse sentimento era vivido coletivamente como um imperativo exterior e transcendentemente imposto de forma violenta.

O sentimento de desenraizamento se expressa na perda da identidade social, entre conservador e moderno, e se associaria a um imaginário conflitivo de crise entre o caos e o progresso. A historiadora nos apresenta um trinômio afetivo urbano que condensa a experiência de viver nas cidades, entre multidões e máquinas (símbolo do domínio da natureza): o progresso, o fascínio e o medo (Ibidem). Esses sentimentos que são vividos em conjunto a uma sensação de perda ou deslocamento, estão vinculados a uma nova temporalidade que passa a reger esses centros urbanos.

A representação do tempo, antes regido pela lógica cíclica da natureza cambia para uma lógica do tempo da rotina de trabalho. O afastamento da natureza levava a um deslocamento de uma sensação de tempo vivido para um tempo abstrato, linear e uniformemente dividido a partir de convenções da sociedade. A mudança nas formas de trabalho, onde o homem perde o domínio e criatividade em sua produção e passa a ser força de trabalho também é vivida como perda. As relações comunitárias e de trabalho mudava para relações progressivamente mais impessoais e regidas pelo mercado. Por fim, houve também perda na vivência dos espaços de moradia e convívio familiar e comunitário. Passou-se a morar e conviver com a impessoalidade e anonimato dos centros urbanos (BRESCIANE, 1985). O sentimento de crise também ecoava um cenário de constante instabilidade econômica e política e eclosão das disputas sociais:

Acresce a essa inconsistência o potencial destrutivo do concreto representado pelo súbito advento de tecnologias revolucionárias no dia-a-dia, por uma estrutura econômica frágil e sem flexibilidade, um quadro político instável e um estado de conflito social quase fora do controle, em meio ao panorama de abalo crítico deixado pela Guerra; inflação disparada, greves crônicas e crescentes, agitação operária, estado de sítio. (...) o mundo da razão, da palavra, da consciência, oriundo da traição neoclássica, científica e liberal do século XIX, já não trazia respostas e seu vocabulário assentado sobre estabilidades, que dessem conta de representar a nova ordem turbilhante das coisas. (SEVCENKO, 2014, p.31)

Frente ao sentimento de crise e necessidade de segurança, o espírito cosmopolita buscava alguma tradição ou suporte em meio ao caos do progresso. Ele, então, passou a encarnar símbolos desse caos a ser combatido. Encontrar certeza num projeto híbrido de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

coexistência entre tradição e progresso moderno foi possível quando uma ameaça externa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

foi construída. O que unia conservadores e liberais em um mesmo projeto era o combate a um inimigo em comum que seria culpado pelo sentimento de desestabilidade. Nos discursos e práticas esses inimigos eram territorializados e encarnados. E foi no controle desses territórios e corpos que a coesão identitária se estabeleceu.

Bresciani (1985) aponta que as cidades modernas passaram a ser um observatório da diversidade de corpos passíveis a avaliação e classificação. Qualquer representação de desestabilização à ordem e progressos estabelecidos, que entrasse em choque com o poder de Deus ou do Homem, passava a ser sintoma necessário a se eliminar. Nesse inimigo, se construiu a dualidade da estética do sublime, o terror. Assim passavam a figurar no imaginário a miséria, as doenças, as anomalias dentre outras⁵. Qualquer perturbação a sublime ordem social ou da própria natureza, seja biológica ou social, figurava-se como algo a se corrigir. Em bairros operários, por exemplo, o potencial de revolta foi considerado ameaçador a ordem social. A construção dessas oposições binárias, nós ricos e civilizados e outros pobres e selvagens, passam a ser base do imaginário moderno para coesão social. Outros grupos marcados em São Paulo são os negros e emigrantes. Nesses grupos estava a maioria da população. O censo de 1893 apontava que dos então 130 mil habitantes, 54,6% eram estrangeiros (TOLEDO, 2015).

O cosmopolitismo paulista foi produzido sob um nítido recorte de discriminação social, com estigma mais aprofundado em pessoas negras. Sevcenko (2014) apresenta, por meio de denúncias feitas no jornal d'O Estado, a perseguição e assassinato sistemático pela polícia a pessoas pobres “de cor”, sua retirada ou exclusão das áreas próximas ao centro. Além disso, também ocorria a interdição ou tornava-se mais difícil o ingresso na força policial dessas pessoas, estabelecendo requisitos necessários baseados em “estatura, compleição física e cor da pele” (p.141). Essas cisões tidas como irreconciliáveis passaram a formar identidades e circunscrever limites a grupos que se diferenciavam. Essas múltiplas identidades, elaboradas como binômios passaram a pertencer ao imaginário das cidades cosmopolitas de maneira singular e hierarquicamente inferiores.

⁵ É importante destacar aqui a dupla tentativa de preservar a ordem social e a ordem natural que se estabelece de forma complexa. Se por um lado a ordem social buscava a objetivação do progresso, o binômio primitivo/civilizado posicionava o primitivo como monstro ou anormal que desestabiliza a Ordemsocial por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais próximo a natureza. Por outro lado, a prostituta ou o homossexual figuram como monstros ou anormais justamente por se afastarem demasiadamente da natureza reprodutiva do sexo, o que seria uma desestabilização da ordem da natureza.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Novos Gêneros e Sexualidades na Paulicéia Desvairada

Inspirados por Ginzburg (1987), buscamos vestígios da memória de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade no processo de metropolização da cidade de São Paulo. De modo diferente, a urbanização e a identidade cosmopolita possibilitaram a saída das mulheres do espaço privado para sua participação na arena pública. No cotidiano vivo da cidade poderíamos encontrar mulheres nos carros, bondes, cafés, bares, bailes, estádios, lojas, teatros. As horas e espaços da cidade mostravam a diversidade entre as mulheres: desde as operárias pelas madrugadas nas fábricas; as colegiais, professoras e aias no início da manhã indo às escolas e conservatórios; as mulheres de alta classe, tidas como “de família” nos chás, teatros, salões; as “moças-sem-família” em bares e cervejarias. Independente de classe, etnia e idade, todas em algum momento circulavam e se cruzavam no centro da cidade (MATOS, 2001).

Ao mesmo tempo em que passam a circular nas cidades, o processo de vigília e controle das mulheres e de seus corpos, numa São Paulo cosmopolita, que vivia a emergência de uma configuração moderna e burguesa de vida, se dava através da moralidade pública, em especial da sexualidade. Dentro de uma identidade nacional cosmopolita fragmentada que buscava ao mesmo tempo modelos modernos europeus de vivência da sexualidade e do gênero, tentava-se também conservar a tradição moral da família como base da nação, mesmo com a maior liberdade feminina.

Dessa dualidade é que vemos num mesmo período a coexistência: 1) de um interesse intenso em estabelecimento, à cargo de médicos, juristas, criminologistas, policiais, literatos e jornalistas, de códigos de conduta sexual que valorizam a união sexual monogâmica heterossexual, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina e combate aos *vícios urbanos*; 2) e por outro lado a produção de geografias urbanas do prazer, criando novos gêneros, novas sexualidades, novas culturas eróticas e pornográficas em um universo de lazer. Como vimos, com o conceito de cosmopolitismo, produziu-se uma cultura híbrida que importava referências europeias e estadunidenses, criando espaços públicos para o exercício de novas sexualidades e gêneros insubmissos. Esses locais, dentre cafés-concerto, cafés-cantantes, cabarés, bordéis, “pensões alegres”, teatros, bares, restaurantes e cinemas que floresceram no centro e em seus arredores,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

foram ocupados pela nova boêmia paulistana (RAGO, 2008). Criava-se uma nova geografia inspirada numa Belle Époque⁶ bandeirante.

Para circulação na nova geografia urbana moderna, os espaços públicos que em teoria deveriam ser de direito a todos os cidadãos, passam a ser segmentado e restritos via categorização. A categoria prostituta ou meretriz é um exemplo. Para além da trabalhadora sexual, a categoria tornou-se um conceito que condensava o imaginário de uma mulher imoral, perigosa, suja, descontrolada. Como forma de vigília e controle dentro do espaço urbano, onde todos poderiam circular, essa categoria passou a ser agenciada para todas as mulheres. Assim, a categoria tornou-se dispositivo para regular o que as mulheres podiam ou não fazer e onde da cidade podiam ou não estar, com o medo de serem classificadas na categoria. (RAGO, 2008).

O conceito de “região moral” trazido por Perlongher (1987) em sua pesquisa sobre michês em São Paulo nos auxilia a compreender a ocupação e presença na urbanização dessas pessoas com sexualidades e gêneros não submissos. Parece-nos importante investigar nesses lugares, possibilidades para produções culturais de pessoas com (homo) sexualidades e (trans.) gêneros não convencionais, uma vez que a categoria homossexual não era tão difundida e não necessariamente expressava uma identificação cultural pessoal ou comunitária.

A noção de “região moral” indica um território residual no qual gostos, desejos e práticas ligadas a boêmia, como procura por sexo, diversões, prazeres e outros vícios ligados à ilegalidade encontravam vazão. Essas áreas, nos primeiros anos de construção das metrópoles, coincidem com regiões centrais, próximo às regiões comerciais e administrativas, com presença de ambulantes e longe das regiões residenciais e industriais. É apontada como a região onde se concentra as ofertas de cultura e lazer da cidade, além da “vida noturna”. Essas regiões pertencem ao projeto urbanístico europeu, porém leva o estigma de “área de desorganização” ou de “delinquência” por convergirem prostituição, casas de cômodos ou apartamentos pequenos (geralmente para sexo casual), concentração de bares, dancing, cinemas, boates, criminalidade, “vadiagem”, homossexualidade e boêmia.

⁶ Conforme Ortiz⁶ (1991), a Belle Époque se referência a um modelo cultural adotado pela França em seu processo de modernização que diz respeito a novas formas de comportamento e compreensão sociopolítica dos cidadãos. Porém, a Belle Époque tropical, conforme Needel (1993) aponta, ocorreu num híbrido entre

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as rápidas mudanças da modernidade, mas com a permanência de estruturas duradouras, em circunstâncias instáveis. O autor afirma que a Belle Époque trazia uma ambivalência explicada pela metáfora do corpo brasileiro com uma máscara francesa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Margareth Rago (2008), em sua investigação sobre a prostituição paulistana nos anos de 1890 a 1930, nos apresenta um rico cenário da então “região moral” ou como ela designa “zona do meretrício”. Dentre inúmeros estabelecimentos, a cartografia dessa área parece coincidir com o deslocamento do centro a oeste, na região do viaduto do Chá, do Theatro Municipal, do Anhangabaú percorrendo o largo Paissandu e a Avenida São João e subindo até próximo à Praça da República. Dentre os vários estabelecimentos, públicos específicos para cada (RAGO, 2008, p.44):

Da Confeitaria Castalões, seguiam para os cafés concertos onde se reunia a boemia elegante da cidade, enquanto os rapazes menos afortunados procuravam diversões no café Guarani ou no Progredidor, no Politeama, o mais badalado antes do aparecimento do Bar do Municipal, no Moulin Rouge, no largo Paissandu, ou no Cassino dos Médicos, na rua 24 de Maio.

Os homens foram os maiores beneficiários dessas novas geografias do prazer, pois eram a eles direcionados esses espaços. Dentre cafés, bares, teatros e especialmente os locais eróticos da boêmia, como os bordeis como o “Palais Elegant” e o “Palais de Cristal”, eles desenvolviam uma intensa rede de sociabilidade da elite intelectual paulistana moderna. Encontravam-se nesse espaço de outra moralidade, advogados, jornalistas, escritores, políticos, estudantes, boêmios e mesmo os velhos oligarquistas do café (RAGO, 2004).

O esforço de construção de uma *Bélle Époque* bandeirante não se restringiu aos nomes afrancesados dos lugares. Relacionar-se com uma prostituta estrangeira também satisfazia a expectativa burguesa de se ver introduzido nos ‘hábitos sexuais avançados das sociedades modernas’. A importação de mercadorias e hábitos parisienses possibilitou uma nova circulação de corpos e desejos, em espaços onde mesmo as requintadas classes abastadas promoviam transgressões aos comportamentos convencionais e davam vazão a desejos e aventuras dissonantes da idealizada pela imagem de família.

Com toda certeza, a prática da prostituição ou de outras práticas sexuais e performances de gêneros não tradicionais, em São Paulo, são muito anteriores a esse período⁷. Porém a *Bélle Époque* paulistana, por trazer novos conceitos e comportamentos

⁷ Conforme estudo sobre prostituição masculina do delegado de polícia e professor da academia de polícia de São Paulo (1982, p.219), as origens mais remotas dessas práticas ou expressões em São Paulo datam o século XVII, onde em 1623 “passaram pela Paulicéia, ‘homens em trajes de mulheres’ rumando para minas”. Outros casos são apresentados pelo delegado: prática de sodomia em 1646; no século seguinte um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

padre e seu estudante mantendo relações sexuais; nesse mesmo século o registro do caso de “Maria Antônia”/”Luiz Antônio”, classificada como ‘hermafroditismo’ (sic) e se engajou numa expedição militar. Nos fins do século XIX, o então Chefe de Polícia, Bento Pereira Bueno teceu um relatório indicando;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

liberais, especialmente para a burguesia emergente, possibilitou a criação de novos gêneros e sexualidades no seio da cultura boêmia (FIGARI, 2007; PINHEIRO, 2015; GREEN, 2000).

A presença e circulação das mulheres nos espaços públicos ampliaram as possibilidades de feminilidade. A mulher, que em São Paulo, até os anos de 1920 tinha uma imagem hegemônica de ociosidade-passividade pertencente ao espaço doméstico, passou em cidades metropolitanas a ser mais ágil, magra, enfim moderna (REGO, 2008). A incorporação dos hábitos europeus passa a marcar no corpo, na vestimenta, no autocuidado e na performance o status privilegiado burguês e não brasileiro. Não tardou a emergir uma nova forma de controle para essa nova mulher, um câmbio da percepção de sua aparência como frivolidade expressando um narcisismo e superficialidade (MATOS, 2002; PINHEIROS, 2015). A melindrosa, como passou a ser chamada a representação dessa mulher moderna, foi uma forma de regular as mulheres presentes no espaço público.

Margareth Rago (2008) destaca também a importante mudança nas culturas sexuais de crescente metrópole via importação europeia os trabalhos sexuais que se especializaram e se complexificaram. A liberalização sexual promovida ao se constituir uma indústria do prazer e uma mercantilização da vida do submundo passou a redefinir a expressão da própria sexualidade e do gênero, via novos e mais amplos circuitos, englobando saberes, técnicas e tecnologias desse trabalho como danças, festas, espetáculos, strip-tease, exibição de vestimentas, passeios públicos, maquiagem, perfumaria, etc.

A liberdade e existência pública desses espaços sexuais possibilitava a experiência de um maior número de práticas sexuais, expressões de gênero e modalidades de desejo que vinham à tona. Aqui, um foço ainda mais profundo se cria entre uma sexualidade não conservadora, vivida de forma coletiva, liberta e variada, mesmo preservando situações

“Infelizmente se registraram, durante o ano, 3 casos de pederastia, crime raro em São Paulo e perpetrado por gente tão abjeta que mal se pode distinguir dos loucos” (A POLICIA apud FONSECA, 1977, p. 221). Os documentos dos anos subsequentes mostram a aumento progressivo do registro de pessoas então registradas como ‘prostitutos masculinos’. O registro de 1918 já reconhece a praça da República como um local de frequência de travestis e relata o caso de um ataque a uma travesti por dois soldados que “confundiram com uma pessoa do sexo feminino” (p.221). No ano de 1921, a 2ª Delegacia auxiliar elaborou seis prontuários de pederastas passivos; em 1922 foram nove; em 1923 foram oito passivos e cinco ativos. No ano de 1936 o Gabinete de Investigações organizou-se 38 prontuários de pederastas e foram registrados 8 inquéritos. Embora o primeiro relato de prostituição masculina em si tenha aparecido no trabalho de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Guido Fonseca em 1930, e notável o aumento progressivo da visibilidade dos então pederastas da cidade e da cada vez maior preocupação policial com a questão.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de violência, de vulnerabilidade e hierarquias sexuais; e a sexualidade conjugal apenas restrita ao âmbito privado do quarto (RAGO, 2008).

Essas duas figuras que emergem na modernidade, a melindrosa e a prostituta especializada, seus espaços de sociabilidade e culturas foram potentes para buscarmos vestígios da presença de pessoas dissidentes sexuais e de gênero da época. Entre fontes consultadas constam revistas, obras literárias e estudos médicos disponíveis no Acervo Bajubá e nas Bibliotecas da Universidade de São Paulo, além de periódicos da hemeroteca da Biblioteca Nacional. A partir das fontes encontramos uma diversidade de novas identificações e identidades de pessoas dissidentes sexuais e de gênero como “almofadinhas”, “melindrosas”, “maricas”, “ursus”, “snobs”, “dandys”, “transformistas”, “travestis”, “imitadores do bello sexo”, “terceiristas”, “homens-mulheres” e “mulheres-homens”. Devido a diversidade de identificações e identidades encontradas, optamos no presente trabalho apresentar de forma mais detalhada as categorias “melindrosas” e “almofadinhas”, tecendo paralelos com outras identidades.

Melindrosas e Almofadinhas

Conforme pesquisas sobre o período da Belle Époque em outras cidades, as melindrosas seriam mulheres abusadas, atrevidas, e ousada tanto pelas suas roupas como pelas suas condutas (PINHEIROS, 2015). Elas seriam jovens que tinham algo viril, mas muito *sex appeal* e costumavam usar vestidos tubinho, casacos de pele e chapéu cloché sobre um cabelo Chanel (FIELL; DIRIX, 2014). Conforme Sueann Caufield (apud BONADIO, 2007, p.134): “Em 1920, o termo ‘mulher moderna’ referia-se não somente às trabalhadoras, mas às mulheres petulantes, agitadas, namoradeiras, voluntariosas e andróginas”.

A criação e incorporação da melindrosa e de seu par, o almofadinha, se deve em parte à influência da cultura estadunidense, principalmente por meio de filmes, como nos aponta Nancy Cott (2000), mas também, da cultura europeia, pela moda e pela literatura (SOHN, 2000). A mídia paulistana traz de maneira jocosa essa influência. No Correio Paulistano (1919) uma matéria conservadora atribui a emergência de produções sertanejas de cunho nacionalista como reação aos costumes importados da Europa por uma “enfezada flora de estufa”, almofadinhas e melindrosas afetadas. Essa oposição entre nacionalismo e estrangeirismo acoplado a costumes conservadores e modernos é

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

realizada diversas vezes pela mídia. Em 1920, na revista paulista *A cigarra* é também

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

feita a correlação das culturas de almofadinhas e melindrosas com as culturas estrangeiras por meio de uma poesia enviada por leitores intitulada “O almofadinha americanizado”.

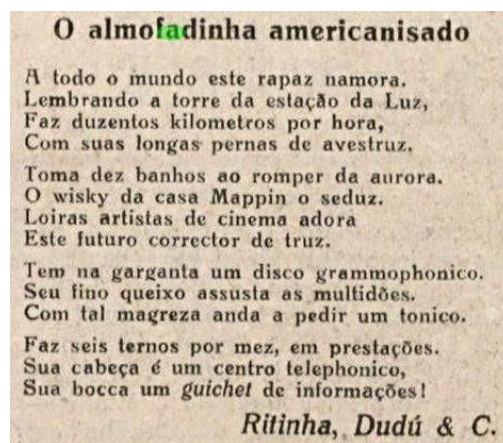


Figura 3 - A Cigarra, 1920, ed.129, p.50

Do whisky ao grammophonico, do namorar com todo mundo ao pedir um tônico, o poema expressa uma importação do American way of life. Conforme Nancy Cott (2000) a cultura estadunidense foi, no começo do século XX, exportada para muitos países, em especial via o cinema. Como vimos anteriormente, o investimento estrangeiro na construção de salas de exibição e circulação dos filmes foi gigantesco⁸ em São Paulo. Esse “padrão cultural” passa progressivamente a ser difundido via rádio, cinema e revistas especializadas, criando um universo cinematográfico, com estrela e divas próprias. Embora a mulher moderna paulistana tenha composto um imaginário próprio, o modelo estadunidense o atravessa. Cott (2000) explica que mulher moderna norte americana da década de 1920 apontava para um novo tipo de feminino, de uma mulher emancipada com modelos de usufruto de bens de consumo, estilo, notícias e cinema. Aqui o requinte e eruditismo mesclados com defesa do ócio e apreciação do belo pregado pela cultura francesa da *Belle Époque* se hibridiza também ao consumo em massa.

A partir do modelo norte-americano, a mulher poderia, através do trabalho, conquistar uma independência econômica, o que a permitia optar ou não pelo casamento. Além disso, a vivência da sexualidade também mudara, uma vez que havia como evitar gravidez, seja via abstinência ou ao “coito interrompido”, e se necessário o aborto (COTT,

⁸ O Teatro, em especial o musicado, também teve bastante impacto na importação de costumes, em especial os franceses. Porém diferente do Rio de Janeiro, a hegemonia do teatro durou um período bem menor em terras paulistanas. Conforme Rago (2004), até a década de 1890, São Paulo tinha pouquíssimas iniciativas vinculadas ao teatro. Com o ritmo de crescimento acelerado, entre essa década e o início do século XX,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

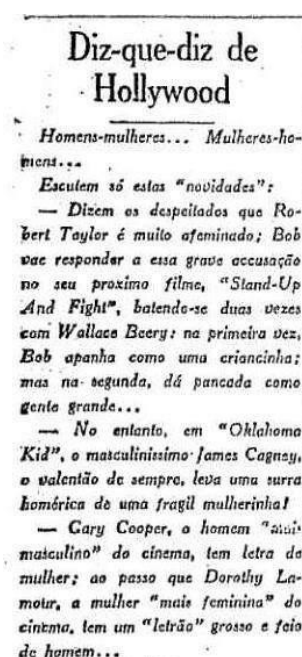
surgiram um número considerável de teatros. Entretanto, a febre por teatro foi encerrada na década de 1920, em especial pelo aparecimento do cinema. Diversos teatros transformaram-se em salas de cinema, além de casos de deterioração ou incêndio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2000). É importante destacar também que ocorreram no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, o 1º e o 2º Congresso Internacional Feminista nos anos de 1922 e 1931, além da fundação do Partido Feminino Republicano e da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ambos em 1910. Essas fundações foram extremamente importantes para a campanha do sufrágio das mulheres (MOTT, 1987).

Outro aspecto importante a se destacar é que o cinema não apenas difundiu modelos, mas ele em si já abarcava formas de sociabilidade particulares que compunham um universo cultural único ou o universo de Hollywood. De certa forma a magia do cinema era, na época uma forma de conhecer outras culturas. O rito de ir ao cinema também tinha suas características, como por exemplo, o flerte, uma forma de seduzir na penumbra do cinema, aproximando os corpos e, pelo espaço fechado e certa privacidade, facilitar o erotismo (CARNEIRO, 2011).

A mídia trazia e por vezes denunciava a importação de novos gêneros que rompiam um binarismo sexual, relacionando com as culturas modernas trazidas de fora, em especial Hollywood. Na matéria Diz-que-diz de Hollywood do Estado de São Paulo (1938), aparecem enunciado os gêneros “trazidos” pelo cinema estadunidense: o homem-mulher e a mulher-homem.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essas construções semânticas, “Homem-mulher” e “Mulher-homem”, que buscavam expressar corpos que hibridizam os gêneros tornam-se cada vez mais presentes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na mídia em especial nas décadas de 1920 e 1930. Vale destacar que produções médicas desse mesmo período buscaram classificar esses mesmos corpos dentre categorias como *homossexualismo*, *hermafrodismo*, *missexualismo* e *travestismo*.

Críticas a esses a presença dessas pessoas no espaço urbano, narradas como “modernismos”, vieram de diversos campos, inclusive dentre feministas de esquerda, como aquelas da coluna no Jornal *O Homem do Povo*. O jornal paulista que tinha como editor Álvaro Duarte e como secretários Pagú e Queiroz Lima, contava com a *Coluna Mulher do Povo*, escrita apenas por mulheres. Na edição de 27 de março de 1931, uma das notícias que aparecia nessa coluna se chamava *Mulher Mulher*. A notícia criticava “as nossas meninas cinematográficas”, que seriam aquela que consumiam o cinema estadunidense. Construindo um discurso com base a criticar o domínio norte americano e seus padrões que levariam a atividades e preocupações frívolas como “dancings” e “gordurinhas”, elas afirmam que essa seria uma “mulher idiota – não percebe que essas americanas despeitadas pela masculinidade - estão francamente em decadência? (...) Si a mulher em vez das noites de dancing e dos dias de torrada, tomasse uma alimentação esplêndida, um esporte dosado, um trabalho sadio e uma educação inteligente, longe de se masculinizar nem de crear um typo rachitico, seria a verdadeira mulher. (HOMEM, 1931, p.2)



**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Figura 4 – Homem do Povo, 1931, Ed. 1, p.2

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Além do cinema, a moda foi outro elemento fundamental para a cultura das melindrosas e dos almofadinhas. A moda dos anos 1920 foi marcada por uma silhueta esguia, retilínea, por alturas das saias que aumentavam ou diminuían conforme o ano, pela influência do vestuário masculino. Muito da moda desse período já vinha sendo utilizada (PINHEIROS, 2015). Crane (2013) destaca que as mulheres da década de 1920 seguiam uma androgenia ou “masculinização” no vestuário através do esconder o busto e a cintura e ter cabelos cortado curto. Dentre esses cortes, como o “*Eton crop*” e o *Chanel*, nomeado em referência à estilista Coco Chanel, um que fez maior sucesso entre as melindrosas paulistas foi o à *la garçonne*. Em referência a palavra menino em francês *garçon*, flexionada para seu feminino, esse modelo de corte percorreu as revistas paulistanas e permeou a escrita de poemas. O termo se popularizou tanto que a revista carioca *Para Todos*, em 1924, nos traz em charge o verbo “garçonizando-se” com a imagem de uma mulher de terno fazendo a alusão ao montar-se como homem.



Figura 5 - *Para Todos...*, 1924, nº311, p.20.

Desde o início do século XX, em especial na década de 1920, as melindrosas e os almofadinhas progressivamente passam a fazer parte do imaginário da cidade de São Paulo e a serem compreendidos não apenas como um estilo ou uma moda, mas como uma nova classe de pessoas. O impacto que seus hábitos e comportamentos modernos trazem à cidade não é despercebido pela mídia conservadora, que passa progressivamente a descrever seus percursos de footing, seus hábitos e principalmente como perturbam a ordem da cidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O termo almofadinha teve uma recepção polifônica. Por um lado, diversas notícias trazidas pelos jornais enfocavam uma crítica que perpassava uma crítica tanto a sua posição em relação ao ócio, a futilidade e a levar uma vida fácil, mas em especial por seduzirem mulheres e em especial mulheres casadas. Durante a década de 1920, diversos noticiários traziam que almofadinhas eram presos em decorrência desses assédios. Sua associação com a vida boêmia, desregrada e moderna entrava em confronto com posições conservadoras, ao ponto de jornais os relacionarem com a questão de falta de higiene na cidade. Eles usariam os locais onde as ruas estivessem “constantemente sujas e cheias de matos, os esgotos entupidos”, para transformarem esses “matagais” em lugares para performarem “scenas que a decência manda calar” (DIARIO, 1928). Essa associação com a sujeira como outrora foi associada aos libertinos, passa a ser associada aos almofadinhas e as melindrosas.



Figura 6 – Diversas notícias de Almofadinhas pela São Paulo nos anos de 1927 e 1928

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Conforme Rago (2004) já na década de 1910 a imprensa paulistana havia iniciado uma campanha de denúncia contra os vícios de uma “jeunesse dorée” (juventude dourada) e de suas práticas em bares luxuosos como o Municipal e o Trianon. Esses lugares são chamados de o *rendez-vous chic* da elite paulistana. A crítica que se trazia a essa juventude boemia era tanto relacionada às drogas, às culturas imorais como as danças e músicas de cabaré e em especial a anarquia sexual e de gênero. A crítica mais recorrente aos almofadinhas eram relacionadas à sua afeminação. Em uma notícia intitulada *Os “almofadas” e os jardins: coisas que se repelem e que estão sempre juntas...* publicada em 1928 no Diário Nacional nos é descrita o como identificar “a praga” (sic) dos almofadinhas:

Preferem para pôr em evidencia suas “qualidades”, os lugares frequentados pelo bello sexo. Cinemas, confeitarias, theatros, reuniões elegantes, chás caridosos ou não. Nesses ambientes, onde viceja, aliás o seu símile feminino, as “melindrosas”, estão elles nas “suas sete quintas”. E´ de vel-os, então, com um flozinho engraçadíssimo de voz, os olhitos contornados de rinuel, a boquita acentuada a “baton”, o rostinho polvilhado, todo miudinho de gestos e attitudes, em meio à roda de moças que o mimam, que o afagam com carinhos subtis, como se se tratasse de um “lulu” da Pomenaria. Mas nem só ahi nesses ambientes frívolos aparece o “almofadinha”. (...) Além do “almofadinha” de cinema, há o da rua, dos jardins e dos parques. Esta sub-espécie quase nunca aparece só. Formam-se grupos. Conversam, (porque também conversam, às vezes!) discutem grandes problemas de “toilette” ou de “flirt”. Opinam sobre a melhor qualidade deste ou daquele bombom. E quando o calor aperta demais, abanam-se.”

A representação jocoza e de ridicularização dos almofadinhas com uso de diminutivos e descrição como se fossem de outra espécie é constante na construção desse personagem. Pinheiros (2015) nos aponta a ambivalência na construção dessas personagens para a vivencia sexual e de gênero. Se por um lado, o almofadinha encontrava modelos mais libertadores de expressar seu gênero de forma não varonil, com maquiagens, saltos e expressões mais sensíveis e, ainda assim, garantir um status, ele também encontra na ridicularização e na violência um rebaixamento na hierarquia de gênero. A melindrosa também encontra essa ambivalencia. Se por um lado elas conquistam privilégios masculinos como poder flertar quando e o quanto quiser, ter varios namorados, usar cabelo curto, roupas mais largas, fumar cigarro em locais públicos, dirigir e expressar seu gênero e sexualidade à sua forma, por outro a figura da melindrosa também a transformava em objeto de desejo sexual e seu corpo passou a seguir padrões

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de beleza específicos: bonita, magra, branca, leve, jovem e ousada.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mesmo que os almofadinhas tenham também sido representados como don juans, sedutores e abusadores de mulheres de “bons costumes”, e mesmo dentre as melindrosas muitas vezes existisse uma atração erótica entre ambos como expresso em diversas colunas de leitoras da revista *A Cigarra*, a ridicularização da masculinidade do personagem sempre permanece como dispositivo de controle. É importante destacar que aqui se hibridizam os dispositivos de controle sexuais e de gênero que não necessariamente são os mesmos⁹. Ora o dispositivo de controle por ser um predador sexual é mais eficiente, ora era o por ser afeminado. Na publicação *Para Todos*, muitas vezes os almofadinhas são colocados em situações passivas e controlado pelas melindrosas para reafirmar sua afeminação, deixando nas entrelinhas que não haveria possibilidade de um relacionamento amoroso entre ambos. Os desenhos constroem um imaginário de prazer mutuo em um aparente formato de amizade, por meio brincadeiras ou maquiagem conjuntas.

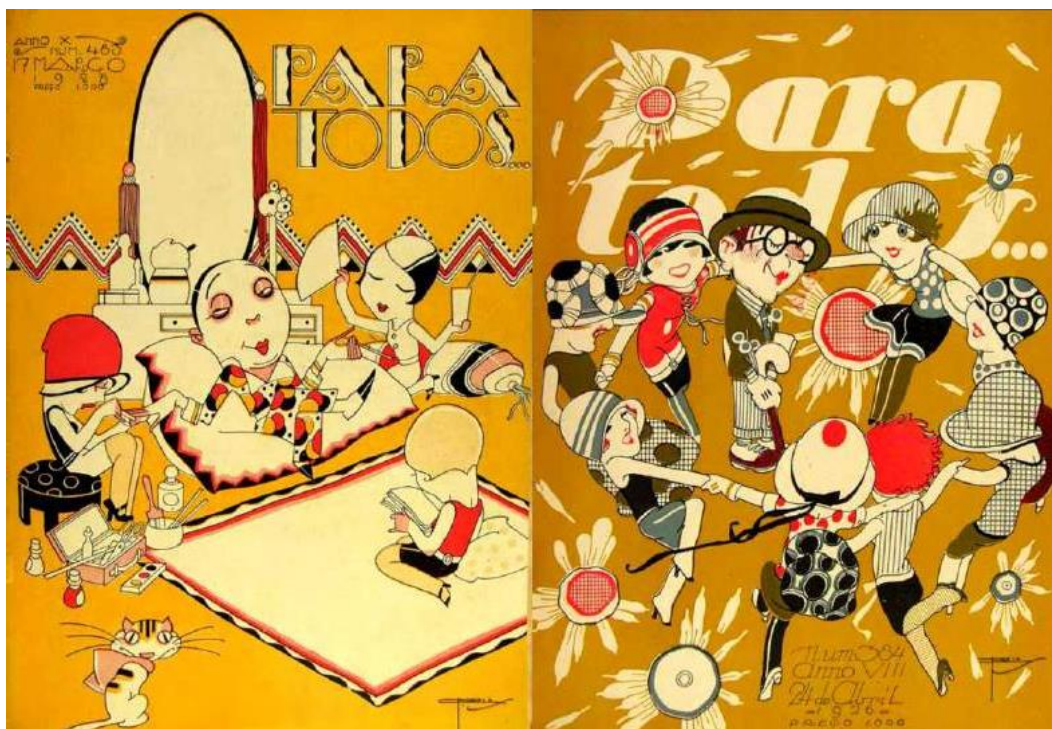


Figura 7 - *Para Todos...*, 1928, n°483, capa / *Para Todos...*, 1926, n°384, capa

O almofadinha ou o almofadismo como tendência masculina é definido diversas vezes nas revistas paulistanas e cariocas da época. Recorrentemente se afirmam a elegância do como se vestem e o uso de maquiagens entre batom, rouge e pó de arroz,

⁹ É importante destacarmos as pesquisas de Gayle Rubin (1998) que propõe que por vezes a categoria

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

analítica sexualidade e suas hierarquias explicam melhor certos fenômenos sociais que a categoria gênero e suas hierarquias. Ambas sempre coexistem, em conjunto a diversos outros marcadores sociais da diferença, mas não podem ser vistos como sinônimos e sim de forma interseccional.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

além da unhas feitas e pés tratados. Os espaços de sociabilidade destacando os salões e dancings. A característica mais marcante sempre destacada são seus maneirismos afeminados, que vão da delicadeza, do ser belo e encantador, além da fala em falsete. Também é destacado o requinte de sua educação e o apressado que recebem das mulheres.

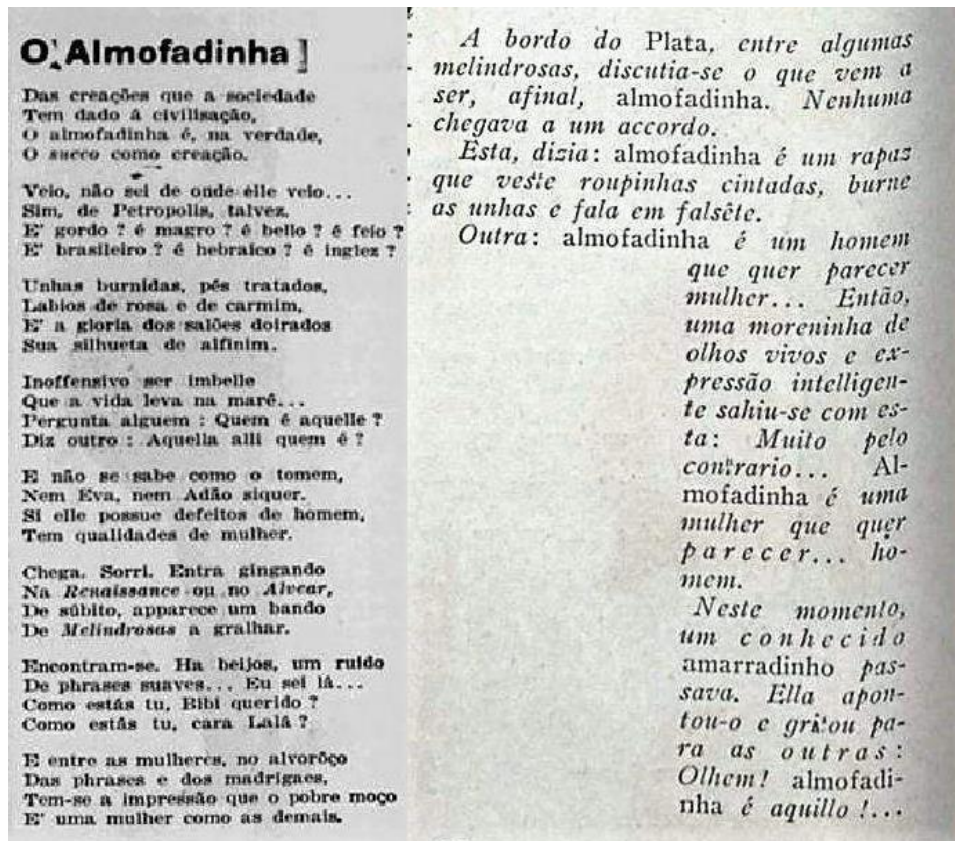


Figura 8 - Para todos..., 1919, ed. 33, p.32 / O Malho, 1919, ed.883, p.43



Figura 9 - A Cigarra, 1920, e.131, p.38 / Para todos..., 1920, ed. 69, p.11

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 10 - Para Todos..., 1925, nº 345, p.18. / Para Todos..., 1927, nº420, p.18.

As definições sobre quem seriam os almofadinhas é extremamente complexa. Alencastro (2013) especula que o nome almofadinha teria advindo da referência ao uso de maquiagem por esses homens, em especial a almofada que vinha no pó-de-arroz. Outra posição trazida por Medeiros (2010), relaciona a palavra às almofadas levadas e utilizadas por eles nos bondes e esse seria um dos sinais de suas frescuras. Green (2000) aponta que o adjetivo “fresco” tinha um duplo sentido, tanto como “puto”, como também denotando jovialidade, frescor ou amenização do clima. Sendo a frescura associada à frivolidade moderna, acaba por ser um adjetivo para denotar pejorativamente uma das “depravações da modernidade”, homens afeminados ou supostos pederastas.

Outras expressões são progressivamente associadas aos almofadinhas. Uma dessas figuras é a dos dândis da Inglaterra do século XIX. Conforme Pinheiros (2015) o dândi tem uma elevada preocupação com a aparência, elegância, frivolidade e requinte, porém ele não é marcado por excessos. Por vezes, o “dandy” aparece nas páginas da revista paulistana A cigarra, nos auxiliando a compreender o como essa figura compunha uma das expressões de masculinidade da época. No poema intitulado Pimpolho (CIGARRA, 1917), a figura do dândi é correlacionada à frequência nos salões da fidalguia, à fineza e elegância, ao falar sobre dinheiro, as maneiras femininas e ao ar blasé.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse mesmo poema, outras figuras são trazidas para se associar a esse imaginário, João do Rio, Don Juan e Brumel.

Green (2000) apresenta a cultura dândi que percorreu o Rio de Janeiro na virada do século XX emblemizada na figura de João do Rio. Conforme o autor, João do Rio, ao mesmo tempo em que mantinha uma discrição sobre sua vida privada, deixando-a para relatos em espaços seguros, representava com perfeição o papel de um janota europeizado com um trajar impecável e com um humor ácido de crítica social. Beau Brummel também foi um dos expoentes britânicos do dandismo. Ele ficou conhecido como um dos símbolos de elegância traduzida pelo ser notado, por um bom gosto, boa alfaiataria e um modo icônico de arrumar a gravata, sem jamais ser vistoso ou exagerado (BOLLON, 1993).

O imaginário do dândi, por mais que trouxesse a marca também da pompa e certa finésse até então ao feminino, pertencia a um imaginário desejado por mulheres. Três anos depois, na sessão de carta de leitoras, Dolores nos apresenta o que seria um dândi ideal, percorrendo atributos relacionados a estética, arte, maneirismos e personalidade.

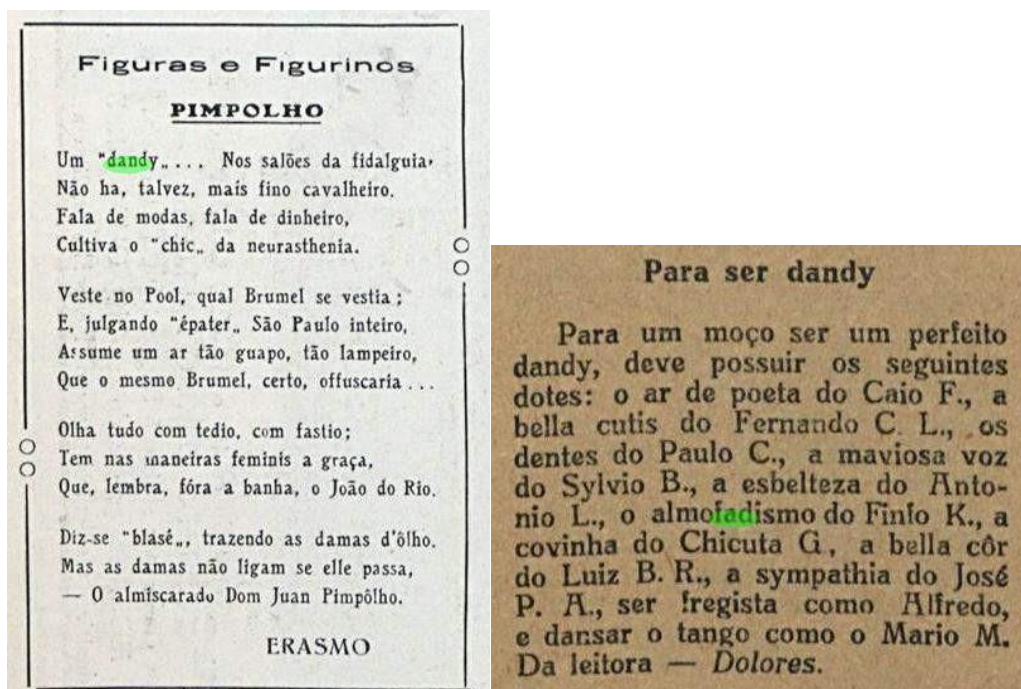


Figura 11 - A Cigarra, 1917, ed.80, p.36 / A Cigarra, 1920, ed.149, p.53

A regulação da beleza masculina, assim como a feminina, era feita na criação desses modelos de beleza. A sessão de cartas da revista *A Cigarra* traz diversos desses

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

modelos desejados e pelas mulheres em seu ideal de homem.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Outra tendência masculina que percorria as páginas da revista A Cigarra era o snobismo. O Snobismo nos é apresentado como a “aceitação de tudo o que é novo, embora seja extravagante”. (CIGARRA, 1930). O *snob* também é uma persona das metrópoles, e em especial é um entusiasta incondicional do novo, com abandono imediato do anterior, e acredita intrinsicamente no ideário desenvolvimentista civilizatório. Dessa maneira, ao oposto de prezar por uma decadência civilizatória e pela valorização do belo, ele encontra a beleza na nova ciência, na indústria, na arte moderna. As figuras associadas como snobs são Guilherme de Almeida e novamente João do Rio. O snobismo é então um modo de pensar e agir, que agenciado pelo ideário desenvolvimentista, tende a escalonar e hierarquizar costumes, e dessa forma desprezar ou ignorar quem teria menor prestígio social ou menor beleza. É um modo também classista de agrupar pessoas e tender a conviver entre os seus, esnobando os demais.

Conforme Goldgel (2014), o snobismo tem estreita relação com as grandes preocupações daquele século, onde por um lado era necessário rearticular os mecanismos de distinção de classes com uma mobilidade social cada vez maior, porém reafirmar a relação cultural com a Europa. O snobismo seria assim uma das expressões mais acabadas da admiração pelo estrangeiro, que definia o eurocentrismo das elites. Interessante destacar que o snobismo reaparece na década de 1940 nas páginas da revista, porém desta vez, ele é taxado de forma depreciativa. Inclusive a publicação oferece um teste para saber se você é snob e processos de cura. (CIGARRA, 1946).

Você é snob?

Por ERNEST DICHTER

A pessoa que parece alisar do alto para os outros o chamado de snob e geralmente considerada como estando em situação superior. Na verdade, porém, não é o contrário. O snob sofre, em verdade, de sentimento de inferioridade e para ocultar isso tenta criar a ilusão de que está situado de alto para baixo.

O snob sempre confunde: possui ele poucos valores próprios que vive na superfície de vida, como que apenas satisfação sem profundidade? E sua necessidade de fama valendo que se encontra no fundo de todas as formas de snobismo.

Gradualmente fido a seus valores, o snob se encontra no fundo de todas as formas de snobismo.

A QUE TIPO DE SNOB VOCE PERTENCE

O snob social é geralmente snob. Contudo, uma que parecia manter uma lista de boas maneiras cada vez que se encontrava com alguém. Ele se inclina com elegância ao saudá-lo? Ela conversa com os passantes de uma forma? Ele sorribe comprometido e sabe como pedir um jantar? Apoiava-se a qualquer superficialidade por não dispor de valores reais.

O snob intelectual deseja ser imediatamente superior, mas nunca parece inferior. Procura logo adiantar-se ao interlocutor: "Oh, que bom livro este! Já li este tantas vezes. Mas naturalmente tenho lido outros muitos melhores sobre o assunto".

A snob dos aparatos raros não vê a mulher que se encontra por detrás do ruído de pedra, a não que está dentro da vertiginosa roda de jogos. Pode, por exemplo, ter

Rio — Junho de 1946

lento repartido ao país de. Um pouco de costume e humano, quando é de novo, pouco, nada, que vive o outro interior.

COMO CURAR O SNOBISMO

Aprenda a ver os outros como eles são. Não os compare com o que você é. Não se compare com o que você é. Não se compare com o que você é.

Polêmico, de vez em quando, talvez sempre alguma coisa de novo por experimentar, por um momento, um indivíduo que se ilude. Podemos começar um certo tipo de história e melhoramento porque não são

lento repartido ao país de. Um pouco de costume e humano, quando é de novo, pouco, nada, que vive o outro interior.

COMO CURAR O SNOBISMO

Aprenda a ver os outros como eles são. Não os compare com o que você é. Não se compare com o que você é.

Polêmico, de vez em quando, talvez sempre alguma coisa de novo por experimentar, por um momento, um indivíduo que se ilude. Podemos começar um certo tipo de história e melhoramento porque não são

lento repartido ao país de. Um pouco de costume e humano, quando é de novo, pouco, nada, que vive o outro interior.

COMO CURAR O SNOBISMO

Aprenda a ver os outros como eles são. Não os compare com o que você é. Não se compare com o que você é.

Polêmico, de vez em quando, talvez sempre alguma coisa de novo por experimentar, por um momento, um indivíduo que se ilude. Podemos começar um certo tipo de história e melhoramento porque não são

TESTE

Para saber se você é snob, clique-se no lugar da pessoa que você é. Então, os cinco pontos de destaque que são de ser, marcando depois em cada par a que mais se aproxima da sua.

A — De manhã, ao sair para o trabalho, que tipo de transporte você escolheria?

- 1 — Um de quatro rodas de táxi ou de cinco rodas que não possa ligar.
- 2 — Entrarei na fila e aguardarei o ônibus.
- 3 — Não faço questão, a não ser quando for muito tarde.
- 4 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.
- 5 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.

TESTE

Para saber se você é snob, clique-se no lugar da pessoa que você é. Então, os cinco pontos de destaque que são de ser, marcando depois em cada par a que mais se aproxima da sua.

A — De manhã, ao sair para o trabalho, que tipo de transporte você escolheria?

- 1 — Um de quatro rodas de táxi ou de cinco rodas que não possa ligar.
- 2 — Entrarei na fila e aguardarei o ônibus.
- 3 — Não faço questão, a não ser quando for muito tarde.
- 4 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.
- 5 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.

TESTE

Para saber se você é snob, clique-se no lugar da pessoa que você é. Então, os cinco pontos de destaque que são de ser, marcando depois em cada par a que mais se aproxima da sua.

A — De manhã, ao sair para o trabalho, que tipo de transporte você escolheria?

- 1 — Um de quatro rodas de táxi ou de cinco rodas que não possa ligar.
- 2 — Entrarei na fila e aguardarei o ônibus.
- 3 — Não faço questão, a não ser quando for muito tarde.
- 4 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.
- 5 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.

TESTE

Para saber se você é snob, clique-se no lugar da pessoa que você é. Então, os cinco pontos de destaque que são de ser, marcando depois em cada par a que mais se aproxima da sua.

A — De manhã, ao sair para o trabalho, que tipo de transporte você escolheria?

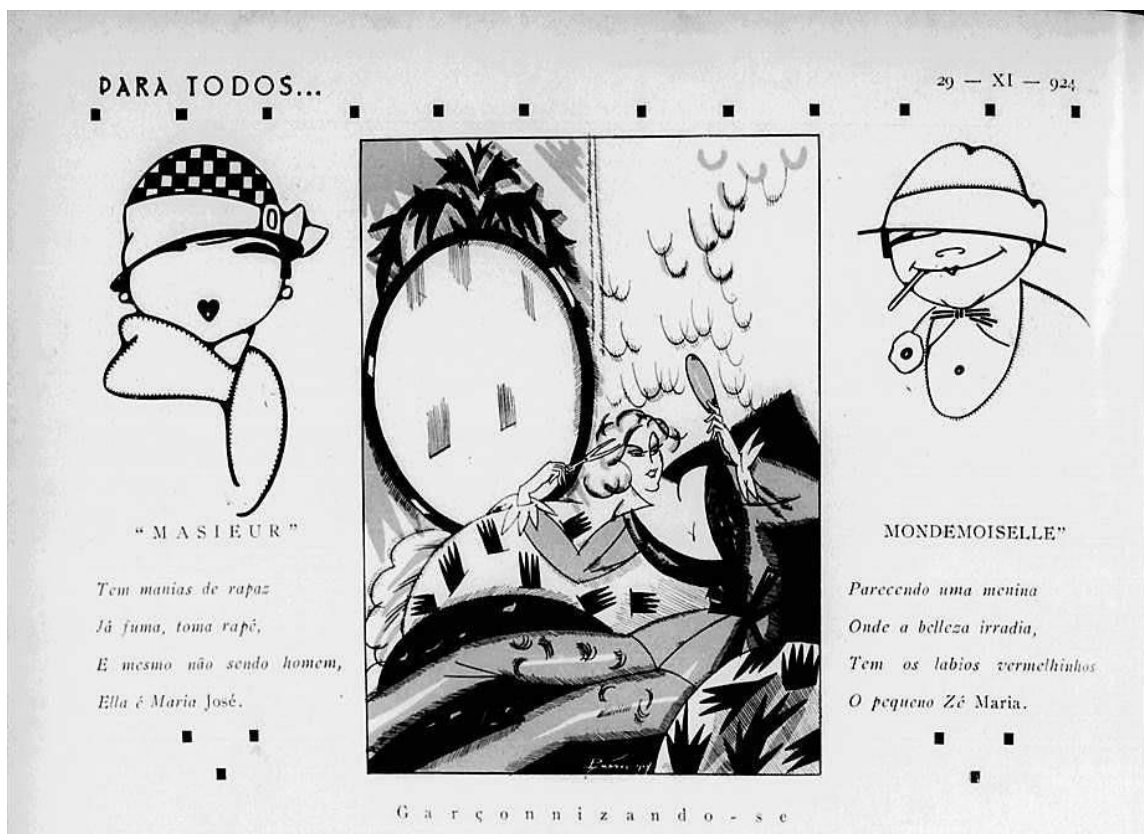
- 1 — Um de quatro rodas de táxi ou de cinco rodas que não possa ligar.
- 2 — Entrarei na fila e aguardarei o ônibus.
- 3 — Não faço questão, a não ser quando for muito tarde.
- 4 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.
- 5 — Preferirei a esta sobre a de quatro rodas. Ela parece estar em uso.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A cigarra, 1930, ed.369, p.15 / A cigarra, 1946, ed 145, p 80-81

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Outra personagem que aparece de forma depreciativa é a do *maricas*. Como vemos nas colunas de cartas das revistas *A Cigarra* e *Para Todos*, Maricas era um nome recorrente, utilizado com um diminutivo afetivo de Maria, algo próximo a Mariazinha. O *maricas* é visto nas edições como a radicalização da afeminação do *almofadinha*, como uma flor, delicada e frágil. Nas palavras de uma leitora de São Paulo da revista carioca *O Malho* (1907, p.20): “um homem que se assigna como mulher está definido: é um *maricas!*”. A mesmo tempo também se criou um termo para designar uma melindrosa bruta e insolente: *Ursus* (PARATODOS, 1924). Outras duas designações que aparecem na publicação carioca para designar esses gêneros mesclados são o “*Mansieur*” e o “*Mondemoiselle*”, criando neologismos através de um jogo com as palavras em francês *monsieur* (senhor) e *mademoiselle* (senhora), invertendo seu gênero (PARATODOS, 1924).



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Para todos..., 1924, nº315, p.18.

De forma geral todas essas categorias de gênero expressam a ambiguidade e esfumaçamentos do que antes se tinha da polarização entre masculino e feminino. Porém a relação entre performance de gênero e os desejos e práticas sexuais nem sempre são iguais e inclusive são alvos de debate. O Furão foi uma das publicações paulistas que contava essencialmente com uma equipe liberal. Em uma nota da edição 265 de 1920, a publicação se autorreferencia como jornal boêmio que tem trazido como público “os catões, os ‘almofadinhas’, os tomadores de cocaína, ether e morfina e os truculentos valentões de borra (...)” (FURAO, 1920, p.1). Em algumas publicações anteriores, na edição 243 de 1920, há a publicação de um auto perfil de uma pessoa que assina como almofadinha. Nesse perfil, o jovem de 23 anos afirma ter orgulho de ser almofadinha, de sua pele aveludada, de sua habilidade de dançar, de atrair muitos olhares femininos, de sua elegância, saber falar sobre literatura e arte, de maneiras distintas e aristocráticas. Ao final de seu perfil, o jovem traz nas estrelinhas o estigma que sofre por ser almofadinha (e possivelmente por ter uma “voz fina como a de uma moça”) e ele responde atribuindo que seria inveja por parte outros. Há aqui uma busca de afirmação de status frente à violência do outro, e na narrativa ele coloca como equilíbrio para essa nova masculinidade sua capacidade de namorar muitas mulheres e o prazer que tem em ser amado e pisar em corações.

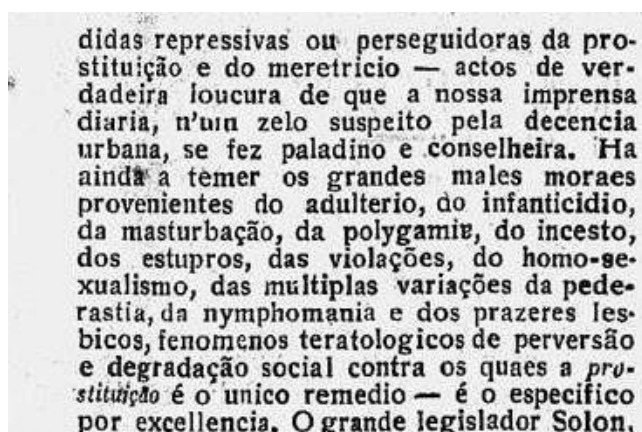
Mesmo dentro de um contexto em que homens podem ter performances de gênero

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais flexíveis, não necessariamente a hierarquia de gênero deixa de existir. O mesmo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pode ser dito para as hierarquias sexuais. Nesse mesmo jornal, *O Furão*, é publicada por esses boêmios uma coluna intitulada *Polícia de Costumes*. Nessa matéria, os redatores liberais denunciam a onda de caçada moral que a polícia vinha fazendo, em especial em ambientes eróticos com prostituição. Os escritores ressaltam esse conservadorismo “digno de cidades arcaicas” e não de uma metrópole e defendem a necessidade de regulamentação da prostituição, visando inclusive garantir a segurança delas. Eles apontam ironicamente que a polícia moral, ao invés de combater os reais grandes males morais, que seriam o adultério, o infanticídio, a masturbação, a poligamia, o incesto, os estupros, as violações, o homossexualismo, as múltiplas variações de pederastia, ninfomania e os prazeres lésbicos, visava primordialmente a prostituição. Essa inclusive seria, conforme eles, um remédio para esses problemas morais (FURAO, 1917, p1).



didadas repressivas ou perseguidoras da prostituição e do meretrício — actos de verdadeira loucura de que a nossa imprensa diária, n'um zelo suspeito pela decencia urbana, se fez paladino e conselheira. Ha ainda a temer os grandes males moraes provenientes do adulterio, do infanticidio, da masturbação, da polygamie, do incesto, dos estupros, das violações, do homo-sexualismo, das multiplas variações da pederastia, da nymphomania e dos prazeres lesbicos, fenomenos teratologicos de perversão e degradação social contra os quaes a prostituição é o unico remedio — é o especifico por excellencia. O grande legislador Solon,

Figura 12 - *O Furão*, 1917, ed.100, p.1

Por outro lado, há publicações que fazem a correlação entre o desejo e prática sexual das melindrosas e dos almofadinhas com sua expressão de gênero. Na coluna Encantadores e Melindrosas na revista *O Malho* (1919), o colunista João da Avenida explica o motivo da feminilidade dos almofadinhas: “As culpadas de todas essas extravagancias [dos almofadinhas] são as melindrosas que, ao envez de amarem os homens, amam as suas semelhantes... Acontece que os homens procuram todos os meios para serem amados. D’ahi vem esses requintes de feminilidade (...)” (MALHO, 1919, p.26). Na *Folha de São Paulo* (1928) também nos é apresentada a sinopse do filme “O príncipe das violetas”, onde ocorreria “Amores de um militar de folga e um almofadinha infeliz em questão do coração” (FOLHA, 1928, p.7).

Uma forte evidência da associação da identidade almofadinha com a prática

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

homossexual é o uso de sua representação pictórica na divulgação do filme *Sexos Invertidos*, produzido por Magnus Hirschfeld exibido nas salas de cinema cariocas em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1932 e nas paulistas em 1934. Hirschfeld, homófilo assumido, foi uma figura difundida pela mídia brasileira, em que trazia fragmentos de debates internacionais sobre a homossexualidade. Em 1921, por ocasião de sua participação no Congresso Internacional de Sexualismo, foi noticiado o desejo do médico conseguir a aprovação de leis para pessoas “sexualmente alteradas”, de modo que não fossem tratadas como criminosas (O Paiz, 1921, p.1). Em 1929, Hirschfeld voltou a ser noticiado pelo *Diário Carioca* em consequência de sua vitória num processo pioneiro iniciado em 1896 pela abolição do artigo que considerava a homossexualidade um crime. Na divulgação de seu filme, acompanhado pela figura de um almofadinha, é afirmada a conquista política da luta de Hirschfeld: “(...) Defender perante a justiça, provando que o Homossexualismo não é um vício nem um crime, como classifica o art. 175 (...)” (Correio da Manhã, 1932).



THEATRO PHENIX

HOJE — Sessões con-
tinuas de 1 hora em
deante

exibições no extraordinario film
científico realista, do genero só
para adultos

Sexos Invertidos

Filmado sob a direcção do Dr. Magnus Hirschfeld, do Instituto de Ciências Sexuales de Berlim, com a collaboração dos Drs. Kraft, Walter Kohler e Hermann Beck; do mesmo Instituto e do Dr. Vachet, da Escola de Psychologia de Paris, para defender perante a justiça, provando que o Homossexualismo, não é um vicio nem um crime, como o classifica o art. 175 mas, um desvio da natureza de que o individuo não tem culpa.

Sexos Invertidos, é um film avançado e que deve ser visto por todos que se interessam pelo momentoso problema do HOMOSEXUALISMO.

Rigorosamente prohibido para menores e senhoritas.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Correio da Manhã (1932)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

BONADIO, Claudia Maria. *Moda e sociabilidade: mulheres e o consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac, 2007.

BRESCIANI, Marias Stella Martins. *Metrópolis: As faces do monstro Urbano (as cidades no século XIX)*. Departamento de História do IFCH/Unicamp. Disponível em <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1907>

CARNEIRO, Eva Dayana Felix. *Na soirée da moda: o cotidiano das salas de cinema em Belém do Pará nos anos de 1920*. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011.

COTT, Nancy, F. *Mujer moderna, estilo norteamericano: los años veinte*. In: DUBY, Georges; PERRO, Michelle. *História de las mujeres en occidente, el siglo XX*. v.5. Madrid: Taurus Minor, 2000. p.107-126.

FIELD, Charlotte; DIRIX, Emmanuelle. *A moda da década – 1920*. São Paulo: Publifolha, 2014.

FIGARI, Carlos. @s “outr@s” cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. p. 237 - 366

FIALHO, Roberto Filho. *Tese Edifícios de Escritório na cidade de São Paulo*, Tese apresentada para obtenção de titulação de doutor em Arquitetura pela Universidade de São Paulo, 2007

Ginzburg, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo, Ed. Alameda, 2007.

GOLDGEL, Victos. *Entre dandis y rastacueros. Aproximaciones al esnobismo del siglo XIX latino- americano*. *Estudios de Teoría Literaria*, Marzo 2014, Año 3, Nro. 5

GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (Trad. Cristina Fino & Cássio Arantes Leite). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOBBSAWN Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MATOS, Maria Izilda S. de. *Corpos numa pauliceia desvairada: mulheres, homens e médicos São Paulo, 1890-1930*. Proj. História. São Paulo, (25), dez.2002.

MICELI, Sergio. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

MOTT, Luiz. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: a França no século XIX*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991. NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

PEREIRA, Athayde. *Adaptação cirúrgica de um pseudo-hermaphrodita ao verdadeiro sexo*. In: *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S.Paulo*. 1937.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O desaparecimento da Homossexualidade*. In: DANIEL, Herber etall. *SaúdeLoucura*. 2a Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

PINHEIRO, Larissa Brum Leite Gusmão. *Melindrosas e Almofadinhas de J. Carlos. Questões de Gênero na Revista Para Todos... (1922-1931)*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em História pela Universidade Federal do Paraná.

RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900- 1950*. In: PORTA, Paula. (org.) *História da cidade de São Paulo*, v. 3. *A cidade na primeira metade doséculo XX, 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 387-435.

RAGO, Margareth. *Prazeres da Noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RUBIN, Gayle. *Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality*. In: Nardi, Peter. M; Schneider, Beth. E. (ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York, Routledge, 1998, pp.100 - 133.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. (3ª Edição). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SIGNALLI, Aldo. *Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) em São Paulo*. In: DAUNE, Ricardo Gumaleton. *Arquivos de Polícia e Identificação*, Vol. II, num. 01. 1938-1939.

SOHN, Anne-Marie. *Las mujeres entre la madre en el hogar y la “garçonne”*. In: Duby, Georges; PERRO, Michelle. *História de las mujeres en occidente, el siglo XX*. v.5. Madrid:Taurus Minor, 2000.p.128-131.

TOLEDO, Roberto Pompeu. *A capital da vertigem: Uma história de São Paulo de 1900 a 1954*.Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WHITAKER, Edmur de Aguiar; KRAUS, Eddi; OLIVEIRA, Magino Roberto de; NOGUEIRA, Joel Botto; SIGNALLI, Aldo. Estudo Biográfico dos homossexuais (Pederastas passivos) da capital de São Paulo: Aspectos de sua atividade social (costumes, hábitos, "apelidos", gíria) In: Arquivos de Polícia e Identificação, Vol. II, num. 01. 1938-1939.

REVISTAS

CIGARRA, Snobismo 1930, ed. 369.

CIGARRA, Você é Snob? 1946, ed. 145

FURÃO. Polícia de costumes, 1917, ed. 100.

FURÃO. Quem quiser... 1920, ed. 247

MALHO. O Almofadinha, 1919, ed. 8

MALHO. Bagaletas, 1919, ed. 883

PARATODOS, Todos..., 1924, ed. 311.

PARATODOS, Mansieur, 1924, ed. 315.

PARATODOS, Maricas, 1924, ed. 311.

JORNAIS

DIÁRIO Nacional. Os almofadinhas do triângulo 03/01/1928

DIÁRIO Nacional. O triângulo aos sábados 25/03/1928

DIÁRIO Nacional. Os almofadas e os jardins, 19/04/1928

FOLHA da Manhã. Senhorita futilidade. 02/12/1928